

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Centro de Artes

Curso de Teatro Licenciatura



Trabalho de Conclusão de Curso

**Uma experiência com Teatro do Oprimido na Comunidade para o despertar da
consciência crítica**

Juliana Ximenes Paranhos

Pelotas, 2018

Juliana Ximenes Paranhos

Uma experiência com Teatro do Oprimido na Comunidade para o despertar da consciência crítica

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Teatro Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para a obtenção do título de licencianda de Teatro.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fabiane Tejada da Silveira

Pelotas, 2018

Juliana Ximenes Paranhos

Uma experiência com Teatro do Oprimido na Comunidade para o despertar da consciência crítica

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Bacharel ou Licenciatura em Teatro, Faculdade Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 01/ 03/ 2018

Banca examinadora:

Fabiane Tejada (Orientador) Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas.

Fernanda Vieira Fernandes Prof. Dr. Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Andrisa Zanella Prof. Dr^a Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas.

Dedico esse trabalho a minha mãe, que sempre me incentivou a fazer o que amo.

Agradecimentos

Agradeço à minha querida Prof^a. Dr^a. Fabiane Tejada por me apoiar incessantemente até a conclusão deste trabalho. Agradeço por sempre estar ao meu lado me dando motivação e um grande incentivo para desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço à minha mãe por sempre me incentivar a fazer o que realmente amo e por estar ao meu lado nas decisões mais importantes da minha vida.

Agradeço ao meu avô que, mesmo de longe, sempre entendeu minhas escolhas.

Agradeço a minha irmã por sempre estar do meu lado, disponível para ouvir meus desabafos e minhas experiências.

Agradeço ao Centro de Referência e Juventude, local onde fui bem recebida para desenvolver minha pesquisa.

Agradeço à vida por me proporcionar experiências maravilhosas!

**“Sem a curiosidade que me move,
que me inquieta, que me insere
na busca, não aprendo nem ensino.”**

Paulo Freire

Resumo

PARANHOS, Juliana Ximenes. **Uma experiência com Teatro do Oprimido na Comunidade para o despertar da consciência crítica.** Trabalho de Conclusão do Curso de Teatro Licenciatura / Centro de Artes / Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

Este estudo de conclusão de Curso apresento a minha experiência adquirida durante o trabalho com as oficinas de Teatro do Oprimido no grupo do Centro de Referência e Juventude, localizado no bairro Jardim América do município do Capão do Leão- RS. A pesquisa é qualitativa, com revisão bibliográfica e atuação prática no campo empírico. O referencial teórico está embasado na Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire e no Teatro do Oprimido de Augusto Boal. Foi realizada uma conexão do conteúdo teórico com as observações dos encontros das oficinas e análise do processo criativo cênico dos integrantes do grupo. O meu objetivo é mostrar que o Teatro do Oprimido, enquanto área de conhecimento, pode contribuir para o desenvolvimento educacional das pessoas. Promovendo a consciência crítica do jovem a partir da reflexão sobre os fatos do seu cotidiano comunitário.

Palavras-chaves: Augusto Boal; Paulo Freire; Teatro do Oprimido; consciência crítica; comunidade.

Abstract

PARANHOS, Juliana Ximenes. **An experience with Theater of the Oppressed in the Community to awaken critical consciousness.** Conclusion work of the undergraduate course in theater degree - Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

This study of course conclusion I present my experience gained during the work with the workshops of Theater of the Oppressed in the group of the Reference Center and Youth, located in the Jardim América neighborhood of the municipality of Capão do Leão - RS. The research is qualitative, with bibliographical revision and practical action in the empirical field. The theoretical reference is based on the Pedagogy of the Oppressed by Paulo Freire and the Theater of the Oppressed by Augusto Boal. A theoretical content connection was made with the observations of the workshop meetings and analysis of the creative process of the group members. My goal is to show that the Theater of the Oppressed, as an area of knowledge, can contribute to the educational development of people. Promoting the critical awareness of the young person from the reflection on the facts of their daily community.

Key-words: Augusto Boal; Paulo Freire; Theater of the Oppressed; critical awareness; community.

Sumário

Introdução	10
Capítulo 1: Origem do estudo	12
Capítulo 2: Justificativa	14
Capítulo 3: Metodologia de Pesquisa	18
Capítulo 4: Fundamentação Teórica: Augusto Boal e Paulo Freire	20
Capítulo 5: O Despertar da Consciência Crítica: A avaliação das Oficinas Teatrais com o Teatro do Oprimido	23
Capítulo 6: O Despertar da Consciência Crítica Através do Teatro do Oprimido a partir do relato dos alunos-atores	27
Considerações Finais	32
Apêndices	33
Referências Bibliográficas	61

Introdução

Através das experiências pessoais que obtive no ambiente escolar, como: aluna, estagiária e integrante do projeto TOCO, desenvolvi uma pesquisa que mostra o quanto o arte-educador é importante e fundamental para a educação de uma determinada comunidade.

Na origem do estudo relato como ocorreu os meus primeiros contatos com o Teatro do Oprimido (TO) de Augusto Boal e a Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire. Neste capítulo justifica-se a utilização do Teatro do Oprimido para mostrar o quanto o arte-educador é importante e fundamental para a educação de uma determinada comunidade. Uma vez que o TO pode contribuir para a mudança da relação social dos jovens pertencentes a comunidades periféricas. Dessa forma, o questionamento que deu origem a esta pesquisa foi: Como o professor de teatro utilizando as técnicas do Teatro do Oprimido pode contribuir para despertar a consciência crítica do jovem sobre os fatos do seu cotidiano e da comunidade onde ele vive? Ao longo dos próximos capítulos procuro responder esta pergunta.

No segundo capítulo é apresentado o interesse em identificar como os jogos teatrais podem provocar a consciência crítica do jovem sobre a realidade onde vive. Através das análises realizadas sobre os jogos e técnicas teatrais trabalhados com os jovens do Centro de Referência e Juventude observei o surgimento do diálogo entre eles sobre a realidade de sua comunidade. Destaco que é um teatro feito com eles e por eles, aprofundando o conhecimento no que diz respeito ao teatro feito “com a comunidade” e “pela comunidade”.

Já no terceiro capítulo são apresentadas a Metodologia de Pesquisa qualitativa, revisão bibliográfica e atuação no campo empírico. Neste capítulo relata-se que o primeiro passo do estudo foi conhecer as teorias de Freire e Boal. Depois comecei a elaborar os planos de aula para alunos-atores, em seguida a teoria foi para a prática mediante as oficinas. A última etapa foi analisar as anotações e gravações registradas nas rodas de conversa. E em

seguida realizou-se as conexões dos acontecimentos com as teorias estudadas.

Durante a fundamentação teórica (quarto capítulo), apresenta-se os teóricos estudados na pesquisa, Augusto Boal e Paulo Freire. Relata-se um breve panorama sobre a vida de Boal e Freire e como são as suas abordagens teóricas. Boal e Freire sempre lutaram por uma educação transformadora, a qual formasse cidadãos e cidadãs para transformar a sociedade que é opressora e injusta.

Já no despertar da consciência crítica: A avaliação das oficinas teatrais com Teatro do Oprimido (quinto capítulo), procurou mostrar a importância da roda de conversa, como momento de avaliação e reflexão sobre as oficinas. Destaquei a atuação do educando ao participar do momento de avaliação de seu processo educacional e no significado do professor refletir sobre sua prática. Apresento a roda de conversa como um espaço onde o grupo expõe suas vivências e experiências, destacando que cabe ao professor respeitar este momento, que faz parte do processo de aprendizagem. Ressalto a união do grupo, cumplicidade e respeito em relação às experiências dos outros. Ao longo do processo o grupo percebia que cada atividade tinha sido formulada com um objetivo, e aquilo que parecia ser uma simples brincadeira se tornava peça importante na construção de conhecimento. Ao longo das oficinas cada integrante percebia suas evoluções pessoais, a partir da sua participação nos jogos teatrais e nas cenas fóruns.

No sexto capítulo: Despertar da Consciência crítica através do Teatro do Oprimido a partir do relato dos alunos-atores, mostro através de relatos dos integrantes das oficinas como se deu o possível despertar da consciência crítica em cada um deles, através das cenas fóruns e teatro imagem.

1. Origem do estudo

Através das disciplinas de estágio I e estágio II, no Curso de Teatro Licenciatura da UFPel, e das experiências como aluna do ensino fundamental e médio, escolhi teatro do oprimido para pensar na importância do desenvolvimento da prática teatral na comunidade porque o TO tem um grande poder transformador de integração social. Também fui muito incentivada a optar por esta pesquisa quando entrei para o grupo Teatro do Oprimido na Comunidade – TOCO no ano de 2016. Este é um projeto de extensão coordenado pela prof^aDr^a Fabiane Tejada da Silveira, desenvolvido pelo Centro de Artes da UFPel da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), cujo o objetivo é trabalhar com o teatro do oprimido em comunidades periféricas de Pelotas. Após conhecer esta modalidade de teatro, surgiu uma grande afinidade com a teoria de Augusto Boal, que foi o sistematizador das técnicas do teatro do oprimido, por isso decidi estudar este assunto.

Em princípio, quando ingressei no curso de Teatro Licenciatura na Universidade Federal de Pelotas, não tinha a intenção de ser professora. Optei por este formato de curso para ampliar meus conhecimentos sobre o teatro, me manter próxima a cidade natal (Bagé-RS) e pelo sistema de seleção que a UFPel já havia adotado, o ENEM. Ao passo que cursava as disciplinas da graduação e que conhecia a abordagem pedagógica junto ao fazer teatral, aquela antiga resistência em ministrar aulas desapareceu. O primeiro contato com a pedagogia do oprimido ocorreu durante a disciplina: Fundamentos Filosóficos da Educação, com o professor Armando Cruz (Faculdade de Educação da UFPel), que também me proporcionou conhecer e estudar a Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire. Ao longo da faculdade também fui estudando a teoria do Teatro do Oprimido de Augusto Boal, e gostei muito porque se articula com a teoria freiriana (Pedagogia do Oprimido). Quando tive contato com a escola durante o estágio, percebi que eu poderia colher frutos no ambiente escolar e que a atividade de ensinar também poderia ser prazerosa.

No ano de 2016 ingressei no projeto de extensão TOCO, que é coordenado pela professora Fabiane Tejada, incentivadora e orientadora deste trabalho de conclusão de curso. Durante minha participação no projeto, aprofundei meus conhecimentos acerca do Teatro do Oprimido e dos teóricos:

Freire e Boal, direcionando esta pesquisa para o âmbito de comunidades periféricas.

Mediante as experiências pessoais que obtive no ambiente escolar, como: aluna, estagiária e integrante do projeto TOCO, desenvolvi uma pesquisa que mostra o quanto o arte-educador é importante e fundamental para a educação de uma determinada comunidade. Espero que este estudo demonstre o quanto o teatro do oprimido é capaz mudar a relação social de jovens pertencentes a comunidades periféricas, pois esta técnica pode contribuir para a redução do preconceito: social, racial, sexual, dentre outros. O papel do arte-educador é crucial na orientação educacional, tanto no ambiente escolar quanto em uma determinada comunidade.

Foi realizada uma pesquisa qualitativa com base na pedagogia do oprimido de Paulo Freire(os livros utilizados deste autor são *Pedagogia da Autonomia* e *Pedagogia do Oprimido*) e no teatro do oprimido de Augusto Boal (os livros utilizados deste autor são *Jogos para Atores e não atores*, *Teatro do Oprimido* e *outras poéticas políticas*). Espero contribuir um pouquinho com a educação brasileira. Desejo que os profissionais arte-educadores reflitam sobre o papel do teatro como área do conhecimento que proporciona um desenvolvimento educacional das pessoas. Quero refletir sobre a formação do professor de Teatro. E o quanto pode ajudar a combater o preconceito nas comunidades periféricas. Portanto, o questionamento que origina a essência dessa pesquisa é: Como o professor de teatro, utilizando as técnicas do teatro do oprimido, pode contribuir para despertar a consciência crítica do jovem sobre os fatos do seu cotidiano e da comunidade onde ele vive?

2. Justificativa

Com o teatro do oprimido de Augusto Boal e a pedagogia do oprimido de Paulo Freire, desejo mostrar como o arte-educador pode contribuir para melhorar a relação dos alunos na comunidade em que vive. Onde o objetivo é identificar como os jogos teatrais podem provocar a consciência do jovem sobre a realidade a que está inserido. Será analisado como as técnicas do teatro fórum (Teatro fórum: usa ou pode usar todos os recursos de todas as formas teatrais conhecidas, acrescentando uma característica essencial os espect.-atores),e teatro imagem(Teatro Imagem: É dispensado o uso da palavra, para que se possa desenvolver outras formas perceptivas. Usa-se o corpo, fisionomias, objetos, distâncias e cores. Vai obrigando ampliar a percepção visual dos integrantes), promovem o diálogo entre os jovens sobre a realidade de sua comunidade. Para detalhar o conceito de comunidade, segundo Kershaw, há os dois tipos:

Comunidade de local é criada por uma rede de relacionamentos formados por interações face a face, numa área delimitada geograficamente.

Comunidade de interesse, como a frase sugere, é formada por uma rede de associações que são predominantemente caracterizadas por seu comprometimento em relação a um interesse comum. Quer dizer que estas comunidades podem não estar delimitadas por uma área geográfica particular. Quer dizer também que comunidades de interesse tendem a ser explícitas ideologicamente, de forma a que mesmo se seus membros venham de áreas geográficas diferentes, eles podem de forma relativamente fácil reconhecer sua identidade comum (KERSHAW: 1992, 31).

Esta pesquisa aconteceu no Centro de Referência da Juventude (CRJ), que está localizado no bairro Jardim América do município de Capão do Leão. Trabalhei com oficinas de teatro realizadas por jovens que participam das atividades do CRJ. Segundo a definição de Márcia Pompeu, há três tipos de Teatro na comunidade: o teatro feito para comunidade; o teatro feito com a comunidade; e o teatro feito por a comunidade. A partir destas definições decidiu-se trabalhar na perspectiva do teatro feito por a comunidade. Segundo a autora Márcia Pompeu, o teatro com comunidade é:

(...) o trabalho teatral que parte de uma investigação de uma determinada comunidade para a criação de um espetáculo. Tanto a linguagem, o conteúdo – assuntos específicos que se quer questionar – ou a forma – manifestações populares típicas – são incorporados no espetáculo. A ideia de vinculação a uma comunidade específica estaria ligada a ampliação da eficácia política do trabalho. (POMPEU,2007, p. 2)

Enquanto, o teatro feito por as comunidades é:

O terceiro modelo tem grande influência de Augusto Boal. Inclui as próprias pessoas da comunidade no processo de criação teatral. Em vez de fazer peças dizendo o que os outros devem fazer, passou-se a perguntar ao povo o conteúdo do teatro, ou dar ao povo os meios de produção teatral. Esta evolução proposta por Boal influenciou muitos trabalhos de teatro e comunidade no mundo todo. Ganhou forma um novo Teatro na Comunidade, cuja função seria fortalecer a comunidade. O teatro passou a ser a arena privilegiada para refletir as questões de identidade de comunidades específicas, contribuindo para o aprofundamento das relações entre os diferentes segmentos da comunidade que podem, através da improvisação, do jogo teatral, explicitar suas semelhanças e diferenças. O teatro seria, neste sentido, porta-voz de assuntos locais, o que poderia contribuir para expressão de vozes silenciosas ou silenciadas da comunidade. (POMPEU,2007, p.2)

Sabe-se que em todos espaços sociais de comunidades da periferia ou nas comunidades mais centrais existem muitos tipos de preconceito, sejam eles: raciais, sociais ou sexuais. Também sabe-se que a juventude é uma fase transitória que ocorre até os 24 anos de idade, caracterizada pela formação de personalidade do ser humano, e que pode ser um período cuja a maioria dos jovens tenham contato com alguns tabus. Essa fase representa a transição entre a heteronomia de criança (período em que a criança deve obediência, submissão e ainda é dependente dos pais) e a autonomia de adulto. Pode-se observar que durante um longo tempo muitos autores só associavam o jovem a uma figura de desvio social, mas atualmente a sociedade vem reconhecendo o jovem como aquele que pode inovar e transformar o mundo.

O papel básico e essencial de um educador moderno e inovador é promover a passagem da curiosidade “ingênua” de seus alunos para a consciência crítica. Ou seja, o educador deve contribuir para acontecer esse desenvolvimento da curiosidade crítica do jovem. Conforme Freire cita no livro: “*A Pedagogia da Autonomia*”, curiosidade ingênua é definida como:

Na verdade, a curiosidade ingênua que, “desarmada”, está associada ao saber do senso comum, é a mesma curiosidade que, criticizando-se, aproximando-se de forma cada vez mais metodicamente rigorosa do objeto cognoscível, se torna curiosidade epistemológica. (FREIRE, 1998, p.15).

É essencial que o jovem desenvolva sua consciência crítica, porque através disso ele vai refletir sobre suas ações. Ou seja, as atividades realizadas nas oficinas irão instigar a reflexão sobre o que foi trabalhado e isso é muito importante. Desejo mostrar que através, do teatro do oprimido e da pedagogia do oprimido, o arte-educador pode ensinar aos seus alunos que preconceito gera muitas consequências como: ações de violência e revolta, pois a escola é um lugar que pode orientar e contribuir muito para com a educação nesta perspectiva.

As oficinas ocorreram numa comunidade de interesse, tendo em vista que nem todos eram moradores daquele local, mas estavam conectados pelo mesmo interesse. O Teatro do Oprimido possibilita que a arte e a estética possam ser utilizadas para provocar ações que ultrapassam o palco e a cena para se inserir na vida real, transformando-a rapidamente.

Nenhuma oficina, encontro ensaio ou qualquer atividade do Teatro do Oprimido deve terminar quando acaba: pelo contrário, deve projetar-se no futuro e produzir consequências individuais e sociais, por menores que sejam, reais. Todo e qualquer evento do Teatro do Oprimido deve objetivar as ações sociais concretas e continuadas (BOAL, 2013,p. 186)

Conforme observou-se nas oficinas muitos alunos que participam das atividades de teatro do oprimido não costumam refletir sobre o que realmente é certo ou errado, e cabe aos professores proporcionar esta reflexão. Segundo Freire, o papel do educador não é apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo:

Percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo (FREIRE,2015,p.28).

Por outro lado não cabe apenas aos espaços educativos institucionalizados fazerem este debate, pois seria importante que tais assuntos fossem abordados na família e em outros espaços da comunidade. Minha ideia

desde o início é que os alunos se tornem sujeitos da construção e reconstrução dos saberes, ensinados pelo professor, parte integrante do processo.

Os jogos teatrais são essenciais para o desenvolvimento educacional das crianças e não é ideal que sejam substituídos por outra atividade. Nesta pesquisa, utilizou-se os jogos teatrais do arsenal do teatro do oprimido de Augusto Boal, os jogos que me refiro pertencem ao livro: "*Jogos para atores e não atores*" (1998). É um livro composto por um sistema de exercícios, jogos e técnicas de teatro-imagem, além de técnicas de ensaio que pessoas leigas ou atores profissionais podem usar. Esses jogos, técnicas e exercícios foram elaborados com o objetivo de desenvolver em todas as pessoas a capacidade de se expressar através do teatro.

Todo mundo atua, age interpreta. Somos todos atores. Até mesmos os atores! Teatro é algo que existe dentro de cada ser humano, e pode ser praticado na solidão de um elevador, em frente a um espelho, no maracanã ou em praça pública para milhares de expectadores. Em qualquer lugar...até mesmo dentro dos teatros. (BOAL, 1998, p.IX)

Os jogos teatrais geram um conhecimento prazeroso para os alunos, segundo Kramer:

Proporcionam um conhecimento prazeroso, porque é imbricado à sua experiência concreta; um conhecimento coletivo, porque nascido de uma prática comum; um conhecimento que não é reduzido as meras informações mecânicas supostamente transmitidas em rápidas reciclagem e capacitações; um conhecimento vivo, porque vinculado às histórias daqueles que o produzem (KRAMER, 2003, p. 60-61)

Nas oficinas nas quais os jogos são realizados, observei o prazer que o grupo tem na prática com os mesmos. O sentido de grupo e coletividade estão presentes, e este é um fator que facilita o desenvolvimento do diálogo e a passagem da consciência ingênua para a consciência crítica.

3. Metodologia de Pesquisa

Através dos estudos das teorias de Augusto Boal e Paulo Freire, foram desenvolvidas oficinas de teatro na comunidade do Capão do Leão. Mediante desta prática pedagógica teatral objetiva-se despertar a consciência crítica dos jovens sobre o que está acontecendo na comunidade em que vivem. Esta pesquisa trata-se de um estudo qualitativo, com revisão bibliográfica e atuação prática no campo empírico.

A primeira etapa da pesquisa foi estudar as teorias de Boal e Freire, com destaque para conceitos trabalhados, como: diálogo e consciência crítica. Logo após esta fase deu-se início a escrita do projeto e elaboração das oficinas na comunidade. Cada oficina possui um plano diário, após os encontros no campo de pesquisa, foi realizada uma conexão do conteúdo teórico do estudo com as observações dos encontros (os planos de aula encontram-se em anexo).

O grupo em que desenvolveu-se o processo empírico da pesquisa, localizado no bairro Jardim América, uma comunidade da cidade do Capão do Leão-RS, geralmente era composto por oito pessoas. Às vezes era verificada a participação de outras pessoas da comunidade local, este “público flutuante” é uma característica comum ao trabalho desenvolvido em espaços abertos da comunidade.

Embora as oficinas tenham sido aplicadas por mim e pelo Régis meu colega do projeto TOCO, desde agosto de 2017, neste estudo foram analisadas as seis últimas oficinas. Estas seis oficinas foram só aplicadas por mim para poder desenvolver um trabalho direcionado para responder minha pesquisa. As oficinas auxiliaram a compreender os aspectos relacionados a prática com o Teatro do Oprimido na Comunidade, principalmente aqueles que ajudaram a responder o questionamento que deu início a esta pesquisa. A prática pode ser relacionada à teoria, ao mesmo tempo que os processos criativos cênicos dos integrantes das oficinas foram analisados. O instrumento de coleta de dados foi a observação, tendo em vista que não houve interferência na realidade relatada pelos participantes do grupo.

No final de cada encontro havia sempre um espaço reservado para o debate, com o objetivo de avaliar as atividades desenvolvidas e registrar as impressões dos participantes. Estas conversas eram gravadas para que posteriormente pudessem ser transcritas. Como nem todos se sentem à vontade para falar sobre as atividades dos encontros durante a roda de conversa, a escrita individual foi utilizada como instrumento de trabalho. No final dos encontros previstos foram gravados os relatos das rodas de conversas, com aqueles integrantes que se sentiram à vontade em contar os processos.

4. Fundamentação Teórica: Augusto Boal e Paulo Freire

Os principais teóricos que fundamentam este estudo são Augusto Boal e Paulo Freire. Augusto Pinto Boal nasceu no Rio de Janeiro em 16 de março de 1931. Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 2 de maio de 2009. Formou-se em engenharia química pela UFRJ, mas desde criança sempre demonstrou um grande interesse pelo fazer teatral. Em 1952, viajou para os Estados Unidos para estudar na escola de arte dramática da Universidade de Columbia. Voltou para o Brasil quatro anos depois e passou a fazer parte do Teatro de Arena, onde colocou em prática e adaptou peças de teatro e espetáculos aos conhecimentos adquiridos nos Estados Unidos. Esses espetáculos buscavam discutir a realidade brasileira. Ele foi diretor de teatro dramaturgo, ensaísta e fundou o Teatro do Oprimido (TO), cujas técnicas se espalharam no mundo.

Boal é até os dias de hoje importante para o teatro contemporâneo internacional. As técnicas de TO também foram empregadas em áreas de educação, sistema prisional e saúde mental. Quando houve o golpe militar em 1964, Boal teve dificuldade de seguir morando no Brasil, e em 1971 ele foi preso e torturado, acabando exilado na Argentina. Em sua nova morada ele organizou o seu livro: *“Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas”* e casou-se com Cecilia Thumin. Mesmo neste período conturbado, na década de 70 os métodos do Teatro do Oprimido não pararam de crescer, pois eram acrescentadas novas técnicas de acordo com as necessidades que surgiram com o passar dos anos.

O Teatro do Oprimido de Augusto Boal é composto pelo: Teatro Imagem, Teatro Jornal, Teatro Fórum, Teatro Invisível, Teatro Legislativo e Arco-íris do Desejo. Durante as oficinas utilizou-se as técnicas de teatro imagem e teatro fórum, mas é importante explicar cada um desses componentes, de acordo com Boal, logo:

- Teatro Imagem: É dispensado o uso da palavra, para que se possa desenvolver outras formas perceptivas. Usa-se o corpo,

fisionomias, objetos, distâncias e cores. Vai obrigando ampliar a percepção visual dos integrantes.

- Teatro jornal: 12 técnicas de transformação de textos jornalísticos em cenas teatrais. Consiste na combinação de imagens e palavras revelando naqueles falsos significados, que, nestas se ocultam. Esse teatro serve para desmistificar a pretensa imparcialidade dos meios de comunicação. A mídia sempre será usada para agradar aqueles que a sustentam.
- Teatro Fórum: Usa ou pode usar todos os recursos de todas as formas teatrais conhecidas, acrescentando uma característica essencial os espect.-atores.
- Teatro Invisível: Pode ser representado em qualquer lugar onde sua trama poderia realmente ocorrer ou teria já ocorrido. Atores e espectadores encontram-se no mesmo nível de diálogo e de poder, não existe antagonismo entre a sala e a cena, existe superposição.
- Teatro Legislativo: É um conjunto de procedimentos que misturam o teatro fórum e os rituais convencionais de uma câmara ou assembleia, com o objetivo de se chegar à formulação de projetos de leis viáveis. A partir disso segue-se o caminho normal de apresentação às casas de lei e pressionar os legisladores para que as aprovem.
- Arco-íris do Desejo: Utilizando palavras e imagens, permitem a teatralização de opressões internalizadas. Nessas técnicas (são voltadas para cada um de nós, mas sempre procurando repercussão no grupo), que são parte da árvore do teatro do oprimido o objetivo é mostrar que essas opressões internalizadas tiveram sua origem e guardam íntima relação com a vida social.
- Espect-atores: São convidados a entrar em cena e atuando teatralmente, não apenas usando a palavra revelar seus pensamentos, desejos e estratégias que podem sugerir ao grupo ao qual pertencem um leque de alternativas possíveis por eles próprios inventados. O teatro deve ser um ensaio para a ação na vida real e não um fim em si mesmo. (BOAL,2013,p.17,18)

Paulo Reglus Neves Freire nasceu no dia 19 de setembro de 1921, na cidade de Recife-PE, e faleceu em São Paulo no ano de 1997, onde vivia e trabalhava. Em 1943, ele ingressou na Faculdade de Recife no curso de direito, e também estudava filosofia da linguagem e acabou optando pela carreira de professor. Paulo Freire pertencia a uma família de classe média, mas durante a infância passou por muitas dificuldades financeiras e esta experiência o aproximou das pessoas mais pobres. Por já ter passado por essa situação de pobreza e fome, Freire se empenhou muito e criou um método renovador e transformador de alfabetização, que revolucionou a educação brasileira.

Freire é considerado um educador, pedagogo, filósofo brasileiro e até hoje inspira muitos professores e estudantes de Cursos de Licenciaturas. Freire casou-se no ano de 1944, com Elza Costa de Oliveira, sua colega de trabalho. O casamento durou até a morte de Elza, no ano de 1986. Em 1946,

assumiu a colocação de diretor do departamento de Educação e cultura do Serviço Social da Indústria (SESI) no Estado de Pernambuco, onde começou o seu trabalho com os analfabetos pertencentes às classes mais carentes. Já na década de 60, ele ocupou o cargo de diretor do Departamento de Extensões Culturais da Universidade do Recife e no ano de 1961, junto com seu grupo de trabalho, começou a desempenhar suas primeiras experiências de alfabetização. Essas experiências foram levando à criação do Método de Paulo Freire e foram sendo muito eficazes. Em razão disso, o governo de João Goulart, acabou autorizando a ampliação dessas experiências só que em um plano nacional de alfabetização.

Em 1964, essas medidas foram retiradas por causa do golpe militar e Freire foi preso, exilou-se na Bolívia e logo em seguida começou a trabalhar no Chile, isso durou 5 anos, período que ele escreveu o livro: *“Educação como Prática de liberdade”*. Em 1969, Freire foi convidado para ser professor visitante de Harvard, pois havia escrito o livro: *Pedagogia do oprimido*, no qual ficou reconhecido internacionalmente, mas só foi publicado no Brasil em 1974. Freire morou também em Cambridge, em Genebra e voltou para o Brasil só no ano de 1980. Em 1988, casou-se com Ana Maria de Araújo, que até hoje escreve livros sobre Freire e divulga sua obra. Filiou-se ao Partido dos Trabalhadores (PT) em 1989. Em 1991, tornou-se secretário da educação da cidade de São Paulo.

Assim como Boal, Freire lutou em prol de uma educação transformadora e Boal também queria um Teatro transformador. Portanto ambos formularam suas teorias para dar um protagonismo aos participantes das ações artísticas e educativas, estimulando-os a pensarem sobre a realidade a partir do lugar onde se encontram. A ideia destas referências teóricas é formar cidadãos e cidadãs para transformar a sociedade que é opressora e injusta.

5.O despertar da consciência crítica: a avaliação das oficinas teatrais com Teatro do Oprimido.

Neste capítulo o questionamento inicial da pesquisa é retomado: Como uma professora de teatro utilizando as técnicas do teatro do oprimido pode contribuir para despertar a consciência crítica do jovem sobre os fatos do seu cotidiano e da comunidade onde ele vive? Dessa forma, em seguida será relatado como se deu o possível processo de despertar da consciência crítica com o grupo de jovens da comunidade estudada.

Para esta reflexão foram analisadas todas as observações pós-oficinas teatrais e as avaliações das oficinas feitas pelos alunos, as quais ficam nos planos diários das oficinas. Relembrando que após as atividades sempre era realizada uma roda de conversa para avaliar e comentar sobre as impressões, que ocorreram em cada encontro. Cada oficina foi planejada a partir de jogos do teatro do oprimido e das técnicas de Augusto Boal, na busca de respostas para a questão da pesquisa.

Geralmente nas rodas de conversa sempre o que gerava mais assunto eram as cenas fóruns. E pelo o que observei era a atividade que eles tinham mais prazer de fazer durante as oficinas teatrais. Porque eles se sentiam melhores e mais leves depois de mudarem a cena daquilo que os ocorreu no passado. Às vezes parece não se dá muita importância para a organização de uma roda de conversa, por isso muitos profissionais da educação não investem em proporcionar esses momentos com seus alunos. No entanto, destaca-se que a roda é um momento de avaliação muito produtivo em que o professor pode refletir de forma crítica sobre seu trabalho com seus alunos. Freire em seu livro: *Pedagogia da autonomia*, salienta a importância de respeitar a dignidade e autonomia do educando, bem como o direito de participar da avaliação do processo educacional e a importância do professor refletir sobre a sua prática:

Ao pensar sobre o dever que tenho, como professor, de respeitar a dignidade do educando, sua autonomia, sua identidade em processo, devo pensar também, como já salientei, em como ter uma prática educativa em que aquele respeito, que sei deve ter ao educando, se realize em lugar de ser negado. Isso exige de mim um reflexão crítica

permanente sobre minha prática através da qual vou fazendo a avaliação do meu próprio fazer com os educandos. O ideal é que, cedo ou tarde, se invente uma forma pela qual os educandos possam participar da avaliação (FREIRE, 2015,p. 63).

Ainda falando sobre o momento de avaliação de oficinas, queria relatar que é uma fase em que o grupo gosta de contar sobre sua trajetória de vida. E como debate-se sobre os momentos de opressões pelo o qual o grupo passou é muito natural que eles falem sobre assuntos íntimos de sua vida, como: emoções, sensações e sentimentos.

Fico muito feliz por eles depositarem confiança em mim, compartilhando durante as oficinas suas vivências. Como uma futura professora queria sublinhar a importância do professor respeitar os conhecimentos que cada aluno traz consigo, pois cada um deles carrega uma bagagem de vida, e cabe aos professores jamais menosprezá-la. Freire fala sobre a importância desse respeito mútuo:

Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiências feitos” com que chegam à escola. O respeito devido a dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar, do saber que ele traz consigo para a escola. (FREIRE, 2015, p. 62)

É da natureza humana a curiosidade, que inicialmente era considerada ingênua. Com o passar dos anos, ela torna-se inquietadora e indagadora até tornar-se uma curiosidade epistemológica, ou seja, consciência crítica. Todo ser humano está apto a desenvolver sua capacidade de transformar sua consciência em uma consciência que anseia por novas respostas novas às inquietações.

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta, faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos. (FREIRE, 2015,p.28)

O principal objetivo era ensinar aos alunos da oficina os conhecimentos adquiridos através das reflexões realizadas sobre as teorias de Boal e Freire, mas também construir e reconstruir o saber em conjunto, pois eles foram os sujeitos neste processo. No desenvolvimento das oficinas houve um intenso intercâmbio de saberes, este processo foi marcado pela incessante busca do despertar da consciência crítica nos alunos. Isso é essencial para que uma educadora transformadora contribua com o desenvolvimento da curiosidade crítica. Segundo Freire:

Como manifestação presente à experiência vital, a curiosidade humana vem sendo histórica e socialmente construída e reconstruída. Precisamente porque a promoção de ingenuidade para a criticidade não se dá automaticamente, uma das tarefas precípuas da prática educativo-progressista é exatamente o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita, indócil (FREIRE, 2015,p.28).

Durante as oficinas de teatro do oprimido sempre houve a preocupação em fazer com que alunos-atores pensassem nas questões abordadas nas atividades. Nas rodas de conversa foi possível observar como cada cena fórum repercutia nos alunos, e o impacto disso nos sentimentos deles frente a situações que anteriormente os incomodavam, e que hoje não os impactam da mesma forma.

Ao longo das reuniões, nas rodas de conversa percebi o despertar da consciência crítica de cada integrante do grupo, pois durante o processo o grupo comentava a importância de atividades, como o alongamento. Além disso, entendiam que os jogos teatrais eram uma parte do processo muito importante para chegar às cenas fóruns e teatro imagem. Tendo em vista que no início do processo o grupo não via os jogos como elemento fundamental no processo, mas sim como diversão. À medida que os encontros ocorriam, o grupo começou a enxergar as atividades como etapa fundamental do trabalho. Eles compreendiam a importância dessa dinâmica e comentavam que através de alguns jogos adquiriam confiança no colega, e que era importante ter uma grande concentração e foco para atingirem um bom desempenho nas oficinas.

Também observei que alguns integrantes do grupo, aqueles mais tímidos, não comentavam muito sobre como o Teatro do Oprimido repercutia

em sua vida, mas percebiam que estavam mais desinibidos e sentiam-se mais à vontade com o grupo. Isso aconteceu, pois eles não reconheciam que tinham sofrido algum tipo de opressão, logo percebiam apenas melhorias na presença de palco e no desempenho nos jogos. Já outros integrantes percebiam e relatavam nas rodas de conversa que os jogos contribuía para o aumento de sua criatividade na hora de criar cenas, logo notavam algumas evoluções através dos jogos e das cenas. Dessa forma, foi possível observar que estas atividades teatrais impactam na evolução do ser humano.

O ser humano é capaz de superar, não esquecer. Ele é capaz de superar situações do passado que não o fez bem, isso é um sinal de liberdade. Busca-se uma consciência crítica de saber que o opressor não muda, mas que ser oprimido não é vergonha. Pelo contrário, é um motivo para seguir em frente, em busca dos direitos e pela transformação das opressões. Portanto, não deve-se permitir que as pessoas passem por cima dos direitos que competem a cada indivíduo, evitando que outros opressores gerem mais oprimidos.

6.O despertar da consciência crítica através do Teatro do Oprimido a partir do relato dos alunos-atores

Como mencionado no capítulo anterior, o que gerava mais assunto nas rodas de conversa eram as cenas fórums, então era o momento mais aguardado das oficinas. As cenas fórums e o teatro imagem eram sem dúvidas as atividades preferidas dos alunos-atores. Neste capítulo será apresentado como se deu o possível despertar da consciência crítica através das cenas fórums e teatro imagem a partir do relato dos alunos-atores.

No momento de reflexão e conversa é que se tinha conhecimento de como cada atividade repercutiu na vida dos integrantes do grupo. Nesta fase cada pessoa relatava os seus avanços individuais através do teatro do oprimido. Cada integrante mostrava o desenvolvimento e progresso de sua curiosidade simples, que se tornava mais crítica e indagadora, pois buscavam respostas para suas indagações mais profundas.

Frequentemente as opressões que os integrantes do grupo relatavam, e que eram reproduzidas durante as cenas fórums, ocorreram no ambiente escolar, seja no ensino fundamental ou ensino médio. Esta fase é muito difícil para os jovens, apesar de ser determinada transitória, porque na juventude se tem muitos tabus. Através dos jogos teatrais de Boal a meta era quebrar esses tabus e acabar com o preconceito. Boal em alguns de seus livros ressalta a proposta do Teatro do oprimido para transformar o mundo em que se vive em um lugar melhor:

Nós no Teatro do Oprimido, ao contrário, queremos transformá-lo, queremos que mude sempre em direção a uma sociedade sem opressão. É isto que significa humanizar a humanidade: Queremos que “o homem deixe de ser o lobo do homem”, como dizia um poeta. (BOAL,2013,p.22)

Neste grupo em que as atividades foram desenvolvidas, a união prevaleceu e isso auxiliava a entender o lado do outro. Logo, a forma com que cada um procurava ajudar os colegas de grupo a superarem tais opressões,

tornava o momento especial, bonito e fraterno. Boal em seu livro: *Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas*, comenta sobre a importância de se ter solidariedade entre os semelhantes e conhecer as opressões dos outros integrantes do grupo:

A sinergia criada pelo Teatro do Oprimido aumenta o seu poder transformador na medida em que se expande e que entrelaça diferentes grupos de oprimidos: é preciso conhecer não apenas as suas próprias, mas também as opressões alheias. A solidariedade entre semelhantes é parte medular do Teatro do oprimido. (BOAL, 2013, p.15)

Através das cenas em que aconteciam opressão, estes jovens mostravam como era a realidade social em que estavam inseridos, logo cada integrante despertava sua consciência crítica sobre os fatos que ocorrem em seus cotidianos. Boal buscava em seu projeto: “A estética do Oprimido”, devolver a todos aqueles que praticam o Teatro do oprimido a capacidade de perceber o mundo através das artes.

A estética do Oprimido, busca devolver, aos que o praticam, a sua capacidade de perceber o mundo através de todas as artes e não apenas do teatro, centralizado esse processo na palavra (todos devem escrever poemas e narrativas); no som (invenção de novos instrumentos e de novos sons); na imagem (pintura, escultura e fotografia). (BOAL, 2013, p.15)

As oficinas de Teatro do Oprimido no Centro de Referência e Juventude repercutiam de forma diferente para cada aluno-ator. Em seguida serão apresentados os relatos dos integrantes, como eram as repercussões e a forma com que ocorreu o possível processo de desenvolvimento da consciência crítica. Para manter em sigilo a identidade dos integrantes do grupo, os nomes foram substituídos por números.

Foi realizado um jogo em que cada integrante do grupo deveria contar um momento de opressão pelo qual passou em sua vida. Em seguida, o grupo montou uma cena representando esse momento, e o oprimido ficou como observador, isso permitiu que ele pudesse intervir na cena mudando sua ação do passado. O integrante número 1 contou uma opressão por qual passou no ambiente escolar. Ele perguntou à professora se podia ir ao banheiro, e ela não

deixou, como consequência o aluno urinou nas calças. Essa situação foi muito marcante para sua vida, porque ele acabou sentido-se humilhado. Quando ele viu seus colegas de grupo reproduzindo a cena sentiu como se a situação tivesse voltado à tona, pois comentou: “vou passar por isso de novo”. Ao entrar em cena, ele mudou os acontecimentos, dizendo à professora que tinha um problema de saúde na bexiga e, portanto, iria ao banheiro.

O integrante número 1, depois dessa ação se sentiu melhor e relatou que a professora era muito rígida, principalmente com ele por ser portador de uma deficiência intelectual cognitiva e dificuldade na coordenação motora, comprovada por meio de atestado médico com o código de Classificação Internacional de Doenças (CID). Apesar disso, falar sobre o assunto não o deprime, porque ele reconhece que é a sua realidade e tenta superar essas situações. Este integrante ainda comentou que gosta de todas as cenas e acredita que quanto maior o número de jogos e brincadeiras, mais à vontade ele ficava para interagir. Além disso, percebia a importância de cada etapa das oficinas, e que em alguns jogos se desenvolvia a atenção. Ainda ressaltou que com as oficinas de Teatro do Oprimido sua autoestima levantava e odeixava mais seguro, comentando: “A gente consegue ser seguro até na queda. Consegue ser seguro e confiar no próximo, confiar no amigo que está ao lado”.

O mesmo jogo foi realizado com o integrante número 2, para que ele pudesse relatar sua opressão e observar a cena, para depois intervir. Ele contou que estava na sala de aula e um colega começou a fazer piadinhas junto a uma colega. Os demais alunos e a professora fingiam não ver a situação. O integrante número 2 não ficou confortável com o ocorrido e partiu para agressão física com seu colega. Mais tarde ele desenvolveu depressão, não sentia vontade de retornar à escola, e um dos motivos que contribuíram para isso foi aquele constrangimento. Ao reproduzir a cena, ele reverteu a sua ação com uma resposta muito tranquila para seu opressor, eliminando a agressão física. Ele se sentiu bem depois dessa atividade e contou que adorou as oficinas desde o primeiro dia, uma vez que elas têm o ajudado. Ele ainda ressaltou que esperava melhorar cada vez mais, porque queria perder a timidez e fazer grandes amigos. Falou que as atividades eram legais e estava

gostando porque melhorava sua criatividade. Também acrescentou que elas não deviam sentir vergonha das situações de opressão que tinham vivido, visto que elas ocorriam com bastante frequência.

Com o integrante número 3 foi aplicado o mesmo método, logo abaixo apresenta-se o resumo do relatado do mesmo. Uma professora de sua escola humilhava ele constantemente chamando-o de louco na frente dos seus colegas. Ele fez exames para comprovar que não tinha a deficiência mental que a professora apontava e conseguiu continuar frequentando a escola. Durante a encenação ele não se calou frente às duras opressões, como fazia no passado. Ele falou que se tivesse feito isso antes não tinha sofrido tanto no colégio. Esse integrante relatou que gostava de todas as atividades e que se sentia feliz quando participava das oficinas, além de considerar o grupo de trabalho como sua segunda família. Esse integrante acrescentou que mesmo após as oficinas ainda haviam situações que o machucavam, mas a intensidade do problema era menor, já que saía das oficinas se sentindo um pouco melhor. Disse que: “O cara entra para baixo, mas na hora que está aqui fazendo os exercícios e as cenas ali, o cara já muda e vira outra pessoa”. Acrescentou: “com os jogos a pessoa aprende a ter confiança no outro”. No tronco da árvore do Teatro do Oprimido aparecem os jogos, estes são essenciais para o processo. Para um bom desenvolvimento nas oficinas precisa-se ter liberdade e regras. Boal fala sobre isso em seu livro:

Árvore do Teatro do Oprimido representa a estrutura pedagógica do Método que tem ramificações coerentes e interdependentes. Cada técnica que integra o Método é fruto de uma descoberta, é uma resposta a uma demanda efetiva da realidade. No tronco da Árvore surgem primeiro os jogos, porque reúnem duas características essenciais da vida em sociedade: possuem regras, como a sociedade possui leis, que são necessárias para que se realizem, mas necessitam de liberdade criativa para que o jogo, ou a vida não se transforme em servil obediência. Sem regras não há jogo, sem liberdade não há vida. Além dessa essencial característica metafórica, os jogos ajudam a desmecanização do corpo e da mente alienados às tarefas repetitivas do dia a dia, especialmente às do trabalho e às condições econômicas, ambientais e sociais de quem os praticam. (BOAL, 2013, p.16)

O integrante número 4 contou que as situações de opressões geralmente acontecem com eles: “Aliás no início é difícil a gente lidar com isso, mas vai passando o tempo e a gente cresce e aprende, ganha uma certa maturidade e é bom ter esse espaço para conversar entre as pessoas né, porque a gente não sabe o que as pessoas passam. E eu estou aprendendo a superar com isso”.

Os exercícios adotados para o grupo serviam para libertar suas mentes e seus corpos de situações que ainda os perturbavam, através da transformação dessas situações. Segundo Boal:

A poética do Oprimido propõe é apropriar ação! O espectador não delega poderes ao personagem para que atue nem para que pense em seu lugar, ao contrário, ele mesmo assume um papel protagônico, transforma a ação dramática inicialmente proposta, ensaia soluções possíveis, debate projetos modificadores: em resumo, o espectador ensaia, preparando-se para ação real. Por isso, eu creio que o teatro não é revolucionário em si mesmo, mas certamente pode ser um excelente “ensaio” da revolução. O espectador liberado, um homem íntegro, se lança a uma ação! Não importa que seja fictícia: Importa que é uma ação. (BOAL, 2013,p. 124)

Mediante esses relatos pode-se observar que houve um desenvolvimento na consciência crítica dos atores-alunos durante as oficinas. No início o grupo achava que os jogos eram atividades de recreação sem qualquer fim. Ao passar do tempo foram percebendo o quanto cada jogo era importante para o processo e notaram como o Teatro do oprimido fazia diferença em suas vidas. Acima foram relatados depoimentos de alguns dos integrantes do grupo que se sentiam mais a vontade de expor suas experiências, pois muitos não expõem suas impressões mais íntimas.

Considerações Finais

Como já mencionado anteriormente, não pensava em ser uma professora, pois vislumbrava as aulas de Dança, Canto e Teatro. Provavelmente, não tinha vontade de lecionar, por ser de uma família de professores e analisar as dificuldades da profissão. Naturalmente queria ser diferente, por isso escolhi o curso para ser atriz. Porém, em meio a tantos conhecimentos interessantes e teorias motivadoras, não podia me abster de conhecer a pedagogia de Freire e enxergar o ambiente escolar sob outra perspectiva.

Através deste trabalho de conclusão de curso, espera-se despertar o interesse de diversos graduandos de licenciatura de diferentes espaços educativos pelo Teatro do Oprimido, como proposta indispensável para a educação de estudantes, sejam eles da rede pública, particular, periférica ou área central. A partir deste estudo observo que o Teatro é uma área de conhecimento fundamental para a educação de cidadãos e cidadãs. Os conhecimentos que Augusto Boal e Paulo Freire desenvolveram, primava por uma educação mais justa, a fim de formar pessoas que lutem por seus direitos e que sejam protagonistas na luta contra os preconceitos.

Acredito também que, como aluna, minha experiência pessoal com professores que não se preocupavam em dialogar, atrair e motivar os alunos afastados do conhecimento, também tenha contribuído para eu não ter empatia e curiosidade em relação à profissão docente. Mas através da pedagogia de Freire e da metodologia de Boal, durante os estágios, foi possível perceber que ser graduanda em licenciatura é poder exercer futuramente uma profissão bonita, mágica e comprometida com a transformação. Com o processo de desenvolvimento desta pesquisa percebi o desenvolvimento da minha própria consciência crítica perante a um novo olhar a tudo que está ao meu redor. É maravilhoso perceber que não só os meus alunos progrediram e ver esse resultado em mim mesma. Espero ajudar a motivar aqueles que estão desmotivados em exercer a profissão de educadores e contribuir para que não se desista de uma educação progressista que luta diariamente contra os preconceitos e desigualdades sociais em nosso país.

Apêndices

PLANO DE AULA Nº. _1_ DATA: _28_/_09_/_2017_

Nome: Juliana Ximenes Paranhos

Local: Centro de Referência da Juventude

Carga horária: Três horas e trinta minutos semanais

Dia da semana: 5ª feira

Horário da aula: Das 15:30 às 17:00 horas

1.1 Objetivo geral da aula

O objetivo geral é tornar os integrantes das oficinas mais conscientes do seu próprio corpo e de suas potencialidades. Isso se torna possível através de localização das tensões e inseguranças da consciência corporal. Depois de localizar tais tensões o próximo passo é acalmar essas partes enrijecidas e relaxá-las. Isso é feito através de movimentos repetitivos e de mudar a forma com que se anda habitualmente, pois esta mudança ativa algumas estruturas musculares, pouco utilizadas no cotidiano.

1.2 Objetivos específicos:

- **Na primeira atividade:** Alongar o corpo e deixá-lo maleável para executar as atividades a seguir;
- **Na segunda atividade:** Estimular todos os músculos do corpo, inclusive àqueles que estão adormecidos;
- **Na terceira atividade:** Manter uma postura reta, a fim de treinar a sustentabilidade corporal para a cena;
- **Na quarta atividade:** Estimular a imaginação e a capacidade de criação nos integrantes do grupo;
- **Na quinta atividade:** Aumentar a confiança entre os integrantes e diminuir o medo de entregar o corpo ao colega;
- **Na sexta atividade:** Ajudar a detectar as partes mais tensionadas do corpo do outro e tentar diminuir-las;
- **Na sétima atividade:** Exterminar a tensão coletiva e relaxar o corpo;
- **Na oitava atividade:** transformar situações da realidade local através da libertação de opressões.

1.3 Conteúdos:

Alongamento; corrida em câmera lenta; o ângulo reto; o macaco; o camelo; o elefante; o canguru; ondas do mar massagem nas costas; o demônio e cena.

1.4 Atividades da aula:

- **Na primeira atividade:** executar uma sequência de exercícios para alongar o corpo e deixá-lo maleável para as atividades que vão ser executadas a seguir;

- **Na segunda atividade:** Fazer a corrida em câmera lenta, neste jogo ganha o último a chegar. Quando inicia essa corrida não pode-se interromper o movimento, mas sim executá-lo mais lentamente. Cada jogador deve alongar ao máximo possível suas pernas. Nessa atividade os dois pés não podem permanecer ao mesmo tempo no chão, logo quando o pé direito estiver no chão, o esquerdo deve subir e vice-versa;
- **Na terceira atividade:** Ângulo reto, os atores vão se sentar no chão com as pernas e braços esticados paralelos ao chão. A coluna deve ser mantida sempre reta formando um ângulo de 90°. Todos precisam caminhar com as nádegas no espaço delimitado, fazendo com que cada passo seja o maior possível, depois retrocedem os próprios passos;
- **Na quarta atividade:** Foram realizados quatro tipos de caminhadas: a caminhada do macaco, camelo, elefante e canguru. Na caminhada do macaco todos devem se deslocar melodiosamente como os macacos fazem, soltando os obstáculos em seus caminhos. Devem caminhar com a cabeça em direção a uma linha horizontal e com as mãos sempre no chão. Na caminhada do camelo, ele avança com o lado esquerdo, utilizando o pé e mão esquerda. Depois avança o lado direito, mão e pé direito. Já na caminhada do elefante, o exercício é igual a caminhada do camelo, só que agora avança-se com o pé direito e mão esquerda, e Pé esquerdo e mão direita. Quarta caminhada: Passo de canguru, agora os atores vão se abaixar em direção ao chão e pegar os seus tornozelos com as mãos. Eles precisam saltar para frente igual aos cangurus;
- **Na quinta atividade:** Ondas do mar, os atores agora vão formar duplas e as pessoas devem ficar uma de costas pra outra. A primeira pessoa da dupla vai colocar suas nádegas um pouco a cima das nádegas do seu colega e deixar o seu corpo cair sobre ele. O segundo vai descer em direção ao solo, de forma que seu colega possa se manter encima dele. O segundo ainda vai poder fazer movimentos leves para cima e para baixo, para que seu colega se sinta flutuando;
- **Na sexta atividade:** Massagem em círculo, os atores formam um círculo, um de costas pro outro e começam a massagear o colega que está na frente. Sempre procurando aliviar as tensões. Depois troca-se o sentido da roda;
- **Na sétima atividade:** O demônio, cada integrante do grupo deve pular de um pé para o outro sacudindo todo o corpo, como se estivessem sendo exorcizados;
- **Na oitava atividade:** Cena, divisão do grupo em dois. Criação de uma cena que haja opressão corporal.

1.5 Avaliação:

Nos momentos finais do encontro há um período de tempo reservado para uma roda de conversa para obter as impressões do grupo. Através de um gravador, folha e caneta (para aqueles que não se sentem à vontade para falar), será pedido que os integrantes do grupo da oficina relatem suas impressões sobre a atividade.

1.6 Materiais necessários:

Somente o corpo e uma sala propícia para o desenvolvimento das atividades teatrais.

1.7 Referências:

BOAL, Augusto. *Jogo para atores e não atores*. 14. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

1.8 Observação pós aula:

Nesse dia a oficina iniciou com quarenta e cinco minutos de atraso, porque estava tendo uma reunião sobre a semana da juventude. Todos os anos, em outubro, há atividades de comemoração da semana da juventude no Centro de Referência da Juventude no bairro Jardim América. Assim ficou-se com quarenta e cinco minutos para trabalhar, por isso não foi possível realizar todas as atividades planejadas.

Na primeira atividade foi realizado um alongamento, pode-se observar um notável progresso, pois houve uma grande melhoria na coordenação motora e na maleabilidade corporal dos integrantes. Todos executaram bem os exercícios.

Na segunda atividade: a caminhada lenta, todos conseguiram tirar um pé do chão enquanto o outro servia de apoio. Conseguiram andar em um ritmo lento, mas nem todos conseguiram alongar ao máximo suas pernas porque ainda há uma falta de maleabilidade e flexibilidade corporal. Acredita-se que ao longo dos encontros estes padrões irão melhorar.

Não foi possível executar a terceira atividade, chamada ângulo, pois o chão estava muito úmido e nesse dia o tatame não estava montado. Infelizmente o espaço não estava devidamente adequado para fazer esta atividade no chão.

Durante a quarta atividade que possui quatro tipos de caminhadas de animais, o grupo conseguiu obter uma grande capacidade de criação. Tendo em vista que cada integrante fez um tipo de animal com características únicas, conseguiram ter um ótimo desempenho e envolvimento nessa atividade.

Já na quinta atividade: ondas do mar, foi muito notável o progresso do grupo. Tendo em vista que é uma atividade que exige uma grande confiança na dupla, dessa vez o grupo se mostrou confiante. Teve só uma dupla que não conseguiu fazer esse exercício, pois o colega não o segurou devidamente. Então o exercício foi interrompido e optou-se por realizar o jogo do João-bobo, para essa dupla sentir-se à vontade. No início do jogo do João-bobo o integrante da dupla ainda estava com dificuldade de segurar os colegas, então ele foi induzido ao colega que empurrou o João-bobo. Ao longo do exercício ele conseguiu parar de jogar o João-bobo com força.

Na sexta atividade: massagem em círculo, foi um momento de descontração onde todos relaxaram. Na sétima atividade puderam aliviar suas tensões, para ir para à cena. Infelizmente a oitava atividade não pode ser executada porque o tempo foi reduzido e ainda havia a roda de conversa para avaliação da oficina.

Na roda de conversa, não houveram muitas opiniões, críticas e conversas sobre as impressões, mas vou transcrever aqui sobre o que foi conversado. Foi perguntado se eles tinham gostado das oficinas e quais impressões ficaram. Todos responderam que gostaram. Integrante 3 falou: "achei legal o exercício do João-bobo, porque a pessoa aprende a ter confiança no outro. As pessoas não podem empurrar os outros, pois basta levar a pessoa até o centro porque a hora que ela cair, o outro colega segura". Perguntou-se se alguém teve dificuldade com algum exercício e alguns falaram que estava tranquilo, enquanto outros não falaram nada. Como percebeu-se que nesse dia nem todos estavam falando, foi perguntado o que eles achavam sobre escrever as impressões de oficinas. O integrante 3 falou que achava melhor: "A gente podia fazer assim escrevemos o que a gente acha, o que falta, o que a gente sente falta". Em seguida, conversou-se sobre um filme que alguns integrantes do grupo iriam fazer, então eles perguntaram se poderiam participar. O integrante 4 e 3 falaram que o filme trata do tema de depressão e se relacionava com teatro do oprimido porque muitas pessoas que tem depressão sofrem com opressão.

Conversou-se um pouco mais sobre o filme e depois a roda de conversa terminou.

O integrante 1 preferiu escrever sobre o encontro: “Gosto de tudo, mais precisamente das cenas em geral. Acho que deveria ter mais brincadeira fazendo com que cada um se soltasse mais e que ficasse à vontade. Me desagrada quando os professores querem falar algo e as pessoas ficam de brincadeira, quando era para levar a sério. Claro que quando é brincadeira vamos brincar! Sugiro que tenha mais brincadeira, que soltem a voz e que perdessem a vergonha e timidez. Amo teatro !!! <3 <3<3”.

Plano de aula diário

PLANO DE AULA Nº. 2 Data: 29 / 09 / 2017

Nome: Juliana Ximenes Paranhos

Local: Centro de Referência da Juventude

Carga horária: Três horas e trinta minutos semanais

Dia da semana: 6ª feira

Horário da aula: Das 15:00 às 17:00 horas

1.2 Objetivo geral da aula

O objetivo geral é trabalhar a capacidade criação de imagens e ações em grupo. Para chegar nesse objetivo serão realizados uns jogos que ajudem a trabalhar a atenção, foco, harmonia e união de grupo.

1.3 Objetivos específicos:

- **Na primeira atividade:** Alongar o corpo e deixa-lo maleável para executar as atividades a seguir;
- **Na segunda atividade:** Trabalhar diferentes níveis de ritmos com o grupo. Trabalhar foco e atenção;
- **Na terceira atividade:** Trabalhar foco, atenção e união de grupo;
- **Na quarta atividade:** Trabalhar o foco, a atenção do grupo e a capacidade de resolução de problemas;
- **Na quinta atividade:** Estimular e trabalhar a capacidade de criação dos integrantes do grupo;
- **Na sexta atividade:** Revelar o lado oprimido/opressor dos participantes;
- **Na sétima atividade:** Estimular a percepção visual do grupo, a concentração e atenção. Formar uma imagem coletiva, através da ação corporal de todos presentes.

1.4 Conteúdos:

Alongamento; Caminhada espacial; Jogo da bolinha; Jogo do assassino; Jogo de imitar através de sua criatividade; Múltipla imagem da felicidade; Código social ritual e rito.

1.5 Atividades da aula:

- **Primeira atividade:** Alongamento, execução de uma sequência de exercícios para alongar o corpo e deixá-lo maleável para as atividades que vão ser executadas a seguir;
- **Na segunda atividade:** Caminhada espacial, neste exercício os atores vão caminhar pelo espaço, alterando níveis de velocidade conforme um comando externo. Todos precisam manter uma velocidade homogênea com o grupo;
- **Na terceira atividade:** Jogo da bolinha, o grupo vai formar uma roda e cada um recebe um número. O número um vai jogar para o número dois falando um. O número dois vai jogar para o número três assim sucessivamente. Nesse jogo também alterna-se os números;
- **Na quarta atividade:** Jogo do assassino, pede-se que os alunos se distribuam na sala com olhos vendados e fiquem distantes um do outro, para poder dizer o que cada personagem fará no jogo. O ambiente escolhido será uma festa em que haverá o público que foi só para dançar, os garçons, dançarinos, um assassino e um detetive. O assassino deve matar as pessoas que estão na festa, sejam as que foram só para curtir ou as que foram para trabalhar. Ele deve matar de maneira discreta para que o detetive não descubra sua identidade;
- **Na quinta atividade:** Imitar através de sua criatividade. Nesta atividade todos devem formar uma fila, onde o primeiro deve fazer uma ação utilizando um objeto que será sugerido pelo professor. Também permite-se que uma pessoa seja esse objeto, isso fica a critério do próprio jogador. Depois que essa pessoa fizer a ação ela escolhe um objeto para o próximo jogador;
- **Na sexta atividade:** Múltipla imagem da felicidade. Pede-se para que o grupo se divida em dois. O primeiro grupo deve esculpir uma imagem de

alegria, de acordo com o que cada um desejar mostrar. O outro grupo ficará observando, mais tarde eles irão escolher com qual imagem se identificam mais. Quando for dado um sinal, cada pessoa que estiver olhando as imagens tem que correr e ficar com a que mais se identificou, lembrando que cada integrante só pode ter uma imagem preferida. O primeiro grupo é substituído pelo segundo para a realização das imagens de felicidade. Quando o professor der outro sinal, o grupo seguinte entra em cena e se junta com o corpo da pessoa que está fazendo imagem que eles escolheram na mesma posição. Tendo em vista que podem escolher as imagens criadas por eles ou qualquer outra. Ao dar o último sinal, todas as duplas vão se movimentar juntas pelo espaço sempre remetendo a felicidade;

- **Na sétima atividade:** Código social, ritual e rito. Pede-se que alguém vá ao centro da sala e realize em silêncio uma ação detalhada que seja mais ou menos cotidiana. Quando alguém reconhecer a atividade deve dizer: “para”. A pessoa vai congelar e a que descobriu o que ela estava fazendo vai dar continuidade a ação, quando outra pessoa do grupo identificar a ação vai falar novamente: “Para”, e dar continuidade a ação. A ação vai seguir assim até o último integrante do grupo entrar na cena.

1.5 Avaliação:

Nos momentos finais do encontro há um tempo reservado para uma roda de conversa para obter as impressões do grupo. Através de um gravador, de folha e caneta (para aqueles que não se sentem à vontade para falar), pede-se que os integrantes do grupo da oficina relatem suas impressões.

1.6 Materiais necessários:

Somente o corpo e uma sala propícia para o desenvolvimento das atividades teatrais.

1.7 Referências:

BOAL, Augusto. *Jogo para atores e não atores*. 14. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

1.8 Observação após Aula:

Nesse dia começou-se a aula com um alongamento para preparar o corpo para as outras atividades. Nessa parte da aula foi percebido que todos os integrantes do grupo estavam conseguindo levar a sério as atividades propostas. E também houve uma notável melhoria nas maleabilidades corporais. Na segunda atividade, a Caminhada espacial, percebeu-se uma melhora na harmonia do grupo. Tendo em vista que é uma atividade que possui diferentes níveis de velocidade é muito importante que eles achem um ritmo harmônico nas mesmas velocidades.

Na terceira atividade: o Jogo da bolinha, o grupo no início do exercício apresentou dificuldade em ter uma maior sequência de número sem permitir que a bolinha caísse no chão, pois o pessoal ainda não estava com o foco voltado à atividade. Mais tarde, o grupo começou a se cobrar e foi conseguindo ficar mais tempo sem derrubar a bola.

A quarta atividade foi realizada duas vezes, a pedido do grupo, pois eles a adoraram. Na primeira vez o assassino foi tão discreto que demorou muito tempo a ser descoberto. Foi muito legal a parte em que iam sendo mortos, pois depois de receberem a piscada do assassino esperavam ele olhar para o outro lado para cair. Isso pode ter dificultado o trabalho do detetive. Também foi muito boa parte em que os atores morriam, pois todos pensavam em uma forma de cair ao chão.

Na quinta atividade: Imitar através de sua criatividade, notou-se que poucos alunos tiveram problemas em criar uma cena através de um objeto, pois em geral todos se sentiram à vontade. Os que não se sentiram muito à vontade, foi por causa de dois meninos muito agitados que chegaram mais tarde na aula e atrapalham o processo de alguns. Embora o atraso, esses meninos participaram desta atividade e de outras. Os dois tiveram um ótimo desempenho, pois eram bem desinibidos, mas deixaram a aula um pouco

cansativa porque havia a necessidade de chamar a atenção deles o tempo todo.

Na sexta atividade, Múltipla imagem da felicidade, o pessoal não teve dificuldade na criação de imagem e no encaixar-se. Foi no geral uma atividade surpreendente pela dinâmica e ações bem elaboradas. A última atividade foi surpreendente porque eles fizeram um trabalho com muita união, apesar de ter entrado os dois meninos agitados. Também observou-se que os dois garotos contribuíram muito para a construção de imagem. O primeiro integrante do grupo encenou a limpeza do carro, só que todos pensaram que ele estava pintando a casa. No final da cena foi possível observar um mutirão reformando uma casa velha.

Parte da roda de conversa foi gravada, mas nesse dia os alunos optaram por escreverem. Na gravação cada um contou o que estava fazendo, então o Wallace falou que estava lavando o carro e não pintando um muro. Outro colega estava chapiscando, rebocando a parede e assim por diante. Em seguida ocorreu a parte da escrita, que será transcrita abaixo:

- Integrante 4: “Bom, para analisarmos a aula foi boa, mas a princípio três colegas mais novos não colaboraram com a turma e a professora, por fazerem brincadeiras, palhaçada e tirando o nosso foco e a concentração. Em relação as atividades, as propostas são boas. Sei que o pessoal é novo esses que atrapalham, mas penso que poderiam colaborar com o resto da turma. Outro ponto é a linguagem explícita, palavras, coisas fora do padrão. Penso que com a colaboração haveria um clima melhor e as aulas seriam mais produtivas. Quem sabe se com o erro de hoje eles aprendem uma lição e colaborem. Brincar só na hora certa”.

- Integrante 1: “Eu gostei muito de tudo, só acredito que quando é para encara é preciso ficar um pouco sério e sem brincadeira. Eu gosto dos jogos e do jogo do assassino, pois é pra desenvolver a atenção... Mas, o resto eu amo muito tudo isso!”.

- Integrante 3: “Eu achei tudo bom, mas tem que parar essas brincadeiras dos guris que estão demais. As tuas brincadeiras são muito boas que nem

você. Você é uma pessoa legal, tanto tu quanto o Regis tão fazendo eu ser uma cara melhor, muito obrigado. Te adoro”.

- Integrante 2: “Eu adorei desde o primeiro dia, gostei e sei que estás me ajudando, assim como as outras atividades. Espero melhorar cada vez mais e espero perder a timidez e fazer grandes amigos. As atividades são muito legais e estou gostando e melhorando a minha criatividade”.

- Integrante 5: “Foi tudo bom e pretendo continuar vindo. Quando der eu venho. Eu não gostei quando os guris estavam gritando”.

- Integrante 7: “Eu achei que estava bom, mas eu cheguei bem depois, aí eu não sei o que falar”.

- Integrante 6: “Tava bom, pretendo continuar vindo quando der. Gostei muito, achei legais as brincadeiras. Só não gostei muito quando os guris não paravam quietos e não escutavam. O resto estava bom, gostei muito mesmo, é só a gente se interessa mais nas coisas que a professora fala e interagir com as pessoas”;

- Integrante 8: “Achei que estava boa e a aula estava muito séria. Tinha que ter mais um pouco de brincadeira e os outros falavam antes fazermos as coisas !!!”;

- Integrante 9: “Eu gostei, estava muito bom e pretendo vir mais vezes, pois já fazia parte de um teatro antes, gosto muito de ir ao teatro. Gostei desta aula porque fizemos exercícios diferentes. Uma aula com outra pessoa, pois nunca tinha vindo numa aula com você. E é isso, meu nome é Thainã, tenho 14 anos e gosto de teatro.

Plano de aula diário

PLANO DE AULA Nº. _3_ Data: _20_/_10_/_2017_

Nome: Juliana Ximenes Paranhos

Local: Centro de Referência da Juventude

Carga horária: Três horas e trinta minutos semanais

Dia da semana: 6ª feira

Horário da aula: Das 15:00 às 17:00

1.1 Objetivo geral da aula:

O objetivo geral da aula é pensar sobre os tipos de opressões que surgiram da atividade, O circuito de rituais. E pensar em mecanismos que possam ajudar a combatê-las. Tendo em vista que “asopressões” são identificadas por cada integrante do grupo.

1.2Objetivos específicos:

- Alongar o corpo e deixar ele maleável para executar as atividades a seguir;
- Trabalhar a atenção, concentração e ritmo do grupo;
- Trabalhar a memorização dos integrantes do grupo e aumentar a capacidade da memória destes. Esta atividade ainda tem como objetivo trabalhar a harmonia e ritmo do grupo;
- O grupo deve tentar captar a emoção e os sentimentos que o protagonista passa através da imagem de seu ritual cotidiano, ao qual pode haver ou não opressão. E através dessa captação criar uma cena ligada à opressão da qual o protagonista quer falar.

1.3Conteúdos:

Expressão corporal; Jogo de ritmos; Caminhada com comandos, O circuito de rituais.

1.4Atividades da aula:

- **Na primeira atividade:** Execução de uma sequência de exercícios para alongar o corpo e deixá-lo maleável para as atividades que serão realizadas a seguir;
- **Na segunda atividade:** Forma-se uma roda constituída por duplas de pessoas. Escolhe-separa formar a dupla de bater palmas aquelas pessoas que estão em diagonais de frente pra outra. A dupla tem que bater palma ao mesmo tempo, uma pessoa da dupla se abaixa enquanto a dupla seguinte bate. Depois que a dupla seguinte bateu palmas, a pessoa que se abaixou, levanta-se. Observação: quando uma pessoa da dupla abaixa, a outra dupla bate palma, e a que está abaixada levanta-se rapidamente;
- **Na terceira atividade:** Caminhada espacial com comandos. Nessa atividade o grupo vai caminhar preenchendo os espaços da sala. De preferência, não deve-se andar em círculos, pois a ideia é explorar várias direções. Depois que o grupo encontrar uma velocidade em harmonia, os comandos são iniciados. Serão realizados quatro comandos nessa caminhada;
- **Na quarta atividade:** Uma pessoa do grupo vai ser o protagonista fazendo uma imagem cotidiana, e se possível, essa imagem deve conter um sentido de opressão. Os outros integrantes do grupo vão ter que prestar atenção nessa imagem e captar o tipo de opressão que contém nela. Depois vão se reunir para construir uma cena. Esta cena deve conter o antes, o momento e o depois dessa opressão. Cada pessoa do grupo deve passar pelo papel de protagonista.

Na quarta atividade: Uma pessoa do grupo vai ser o protagonista fazendo uma imagem cotidiana, e se possível, essa imagem deve conter um sentido de opressão. Os outros integrantes do grupo vão ter que prestar atenção nessa imagem e captar o tipo de opressão que contém nela. Depois vão se reunir para construir uma cena. Esta cena deve conter o antes, o momento e o depois dessa opressão. Cada pessoa do grupo deve passar pelo papel de protagonista.

1.5 Avaliação

Nos momentos finais do encontro é reservado um período à roda de conversa para obter as impressões do grupo. Através de um gravador, de folha e caneta (para aqueles que não se sentem à vontade para falar), será pedido que os integrantes do grupo da oficina relatem suas impressões sobre a mesma.

1.6 Materiais necessários:

Somente o corpo e uma sala propícia para o desenvolvimento das atividades teatrais.

1.7 Referências:

BOAL, Augusto. *Jogo para atores e não atores*. 14. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

1.8 Observação pós aula:

Nesse encontro começou-se a aula um pouquinho mais tarde porque inicialmente só apareceram três integrantes do grupo. Logo, Regis e eu, concordamos em aguardar a chegada dos demais integrantes. Durante este período foi realizada uma conversa bastante informal, por ter se falado sobre assuntos pessoais também houve uma rica troca de conselhos. Foi interessante a conversa, pois houve a oportunidade de compartilhar conhecimentos e vivências. Como o grupo é bastante unido, há um sentimento de amizade entre os integrantes.

Passados alguns minutos foi dado início à oficina, pois percebeu-se que naquele dia as atividades iriam ocorrer com apenas três alunos, Regis e eu. Logo, foi realizado um exercício de alongamento com bastante intensidade. Para que todos ficassem bem alongados e preparados para a sequência de atividades que ocorreriam. Há ainda uma pequena dificuldade na execução de três movimentos, mas todos fizeram de forma correta.

Na segunda atividade, a de palmas, trabalhada durante as oficinas, pode-se observar que ao longo do desenvolvimento houve um bom desempenho da parte de todos. Também vale ressaltar que nesse encontro haviam poucas pessoas e não se teve um grau de grande complexidade.

Na terceira atividade, tinha-se planos de fazer oito comandos, mas ao conversar com o Regis, que também iria ministrar oficina naquele dia, ficou acordado que a atividade seria feita com quatro comandos. Ao longo do exercício observou-se que quatro comandos não eram desafiadores e que eles tinham capacidade para fazer os oito comandos. Logo foram acrescentados mais comandos.

Já na última atividade, pode-se observar que quando eles iam criar o antes, o momento e o depois da imagem de opressão, eles não se preocuparam em mostrar detalhes da entrada da cena, além de não terem entrado de forma orgânica na imagem. Em decorrência disso foi pedido para que o processo fosse refeito com mais detalhes, usando a imaginação criativa.

Posteriormente foi realizada a roda de conversa. Em seguida analisou-se a última cena de opressão, cujas ações foram refeitas e eles explicavam o tipo de opressão que ocorria. Abaixo serão apresentadas um resumo das impressões dos integrantes do grupo:

- O integrante 1 disse que gostou muito de fazer a última cena de opressão na quarta atividade e acrescentou: "A autoestima levanta. É muito bom estar no teatro porque se perde totalmente a insegurança. A gente consegue ser seguro até na queda. Consegue ser seguro e confiar no próximo, confiar no amigo que está do lado".

- O integrante 3 contou que gostou de fazer a atividade, desde a cena principal até as secundárias (aquelas realizadas antes e depois da cena principal). Foi comentado que houve uma opressão de religião na primeira cena, enquanto na segunda surgiu uma opressão de pai para filho, porque o pai considera o filho infantil por jogar videogame; O integrante 3 disse que gostou das cenas da quarta atividade, porque uma delas aconteceu com ele naquela semana, e ele ainda não se sentia bem com a situação. Também comentou que depois entrou nas oficinas de teatro se sentia outra pessoa e acrescentou: "o cara volta a ser criança e consegue o que quer. Porque antes o cara entra para baixo, mas na hora que está aqui fazendo os exercícios e as cenas ali, o cara já muda assim e vira outra pessoa".

- Na terceira cena, o integrante 4 contou: “há momentos na vida que estamos com baixo astral”, em função disso, ele quis retratar uma cena do próprio cotidiano. Ele havia conhecido uma pessoa e eles se comunicavam pelo celular. Ela não podia conhecer sua família em função do trabalho e do plantão. Durante a representação, Integrante 4 construiu a imagem dele com os fones de ouvido, indicando que estava escutando as mensagens que a moça o mandou. Já o grupo representou a cena com uma moça rejeitando um rapaz que gostava dela. Além disso, representaram também, um suposto amigo do Integrante 4 depreciando ao dizer que ele era feio, ou seja, o oprimindo devido ao padrão estético;

- Regis considerou que o grupo podia ter conversado apenas no final da atividade, ao dizer: “Estava meia boca a oficina de hoje porque só estava vocês três, mas também porque ficamos vinte minutos conversando no começo. Acho bom, acho útil, necessário e agradável conversar, mas como a gente tem só duas horas acho que rende mais se a gente deixar a conversa para o final”.

- Integrante 4, classificou a atividade como boa e ressaltou a importância de existir espaços para que as pessoas possam desabafar: “Foi bom. Aquilo que a gente passou eu e o integrante 3, geralmente aquelas coisas acontecem com a gente. Aliás no início é difícil a gente lidar com isso, mas vai passando o tempo e a gente cresce, aprende e ganha uma certa maturidade. É bom ter esse espaço para conversar entre as pessoas né, porque a gente não sabe o que as pessoas passam. E eu tô aprendendo a superar com isso. Claro que se fosse por mim, mesmo não conhecendo a pessoa, a minha vontade e o meu desejo era estar lá ou a pessoa estar por perto, mas não dá né. Tudo tem o seu tempo de Deus, mas eu ainda tenho esperança de que eu vou ser feliz e vou fazer o que eu gosto ajudar as pessoas”.

Plano de aula diário

PLANO DE AULA Nº. -_4_ Data: _27_/_10_/_2017_

Nome: Juliana Ximenes Paranhos

Local: Centro de Referência da Juventude

Carga horária: Três horas e trinta minutos semanais

Dia da semana: 6ª feira

Horário da aula: Das 15:00 às 17:00 horas

1.1 Objetivo geral da aula:

Buscar uma conscientização das capacidades do seu corpo, tanto em relação aos ritmos, quanto em movimentação corporal e sua coordenação motora. Libertar-se de opressões as quais deixam o corpo e a mente pesados.

1.2 Objetivos específicos:

- Tomar conscientização do ritmo através das batidas e cantiga;
- Prestar atenção na forma com que se caminha e quais as articulações do pé que se usa para fazer esse movimento;
- Desenvolver a percepção do deslocamento do eixo, tanto de equilíbrio quanto gravitacional. Também objetiva-se aguçar a percepção do deslocamento a partir da cintura ao mesmo tempo. No teatro há uma ideia de explorar a força/peso ao partir do quadril, pois isso ajuda na mobilidade do corpo do ator no palco;
- Na última atividade, busca-se que o oprimido se liberte dessa opressão que ainda está em sua memória mais íntima. Isso porque o maior objetivo é possibilitar a eles que se livrem de mágoas e sentimentos que não acrescentam à vida do grupo.

1.3 Conteúdos:

Roda de cantiga com ritmos, Caminhada espacial de percepção, Roda de coxi, Cena.

1.4 Atividades da aula:

- **Na primeira atividade:** Forma-se uma roda em que todos sentam no chão e cantam uma cantiga batendo com a mão no chão. A cantiga é: "Ó que coisa boa a gente ver um sapo nabeira da lagoa batendo com o papo, foi, foi, não foi, foi, não foi, não foi, foi, foi..." Após essa parte da cantiga, as duplas vão cantar o seu número no ritmo da música e a batida nessa parte mudará, pois agora cada dupla terá um tempo de batida. Ou seja, cada dupla ficará com um número, dentre esses números estão: dois, quatro e oito. A ideia é perceber que este conjunto de sons formam o som que o sapo emite;
- **Na segunda atividade:** Todos irão caminhar pelo espaço. Eles devem prestar atenção quando tocarem o pé no chão e analisar quais partes do pé encostam e saem do chão. Eles observaram que, a primeira parte que encostam no chão é o calcanhar, depois o meio do pé e por último os dedos;
- **Na terceira atividade:** Se faz uma roda para reproduzir o movimento chamado coxi. Deixa-se o corpo reto e tira-se primeiro o calcanhar do chão, por último os dedos vão subir levantando a perna direita. Essa perna vai tocar no chão encostando primeiro os dedos e por último o calcanhar. A perna de apoio sempre fica flexionada, depois repete-se esse movimento com a outra perna;
- **Na quarta atividade:** Escolhe-se em grupo a pessoa que relatará uma história de opressão já vivida. Depois que essa pessoa fizer o seu relato, ela senta-se e assiste os colegas de grupo reproduzirem essa cena. A pessoa que fez o relato entrará em cena na segunda parte e assumirá o seu papel de novo para refazer a ação que gostaria de ter realizado no passado. É importante lembrar que essas ações ocorrerão de acordo com a disponibilidade das pessoas que aceitaram fazer seu relato.

1.5 Avaliação

Nos momentos finais do encontro há um tempo reservado para uma roda de conversa para obter as impressões do grupo. Através de um gravador, de

folha e caneta (para aqueles que não se sentem à vontade para falar) será sugerido que os integrantes do grupo da oficina relatem suas impressões.

1.6 Materiais necessários:

Somente o corpo e uma sala propícia para o desenvolvimento das atividades teatrais.

1.7 Referências:

BOAL, Augusto. *Jogo para atores e não atores*. 14. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

1.8 Observação pós-aula:

Na primeira atividade haviam cantigas e batidas, isso exigia atenção para perceber os ritmos, então foi preciso um tempo para que todos conseguissem realizar as batidas com a sincronia necessária. Já a caminhada espacial, primeiramente foi lenta, depois executou-se o comando de encostar primeiro o calcanhar no chão e por último os dedos. Como o grupo não conseguia caminhar com corpo de forma natural foi necessário um tempo nesse exercício, pois eles estavam tencionando o corpo para fazer a percepção. Esse não era o objetivo, pois pode-se caminhar de forma relaxada fazendo essa sequência ao mesmo tempo.

Além da roda de coxí, na terceira atividade foram realizadas diagonais em duplas para explicar melhor o movimento e depois retornar a roda. Foram realizadas as diagonais porque o grupo estava tendo dificuldade para executar o movimento. Este exercício despendeu bastante tempo, pois apesar de parecer uma atividade simples, ela é complexa. O grupo conseguiu desenvolvê-la corretamente. Já na quinta atividade foi realizado apenas um relato de opressão, em função do tempo que estava curto. Quem relatou dessa vez foi o Integrante 1. Ele contou que estava com muita vontade de urinar, quando pediu à professora para ir ao banheiro, ela não o permitiu. Ele acabou fazendo urinando nas calças. Essa situação foi muito marcante porque todos os seus colegas viram e riram.

Os colegas de grupo fizeram essa cena de forma muito bem organizada e elaborada, a reação do integrante 1 ao ver a cena foi marcante, pois ele

realmente se enxergou na situação novamente. E comentou:” vou passar por isso de novo”. Ao entrar em cena ele conseguiu reproduzir sua vontade, pois se levantou com educação e foi a banheiro. Claro que a professora opressora seguiu no seu papel de opressora.

O grupo adorou fazer esse exercício e pediu para repeti-lo em outra oficina. Fábio contou na roda de conversa que a professora era muito rígida com ele e que ela era bem tolerante com alguns alunos. Ele acredita que ela sempre o discriminou por gordinho e ter deficiência intelectual, cognitiva, coordenação motora e maturidade. Integrante disse que tem atestado médico, inclusive com CID que comprovava a doença. Além disso, também contou que este era um dos motivos dele se sentir inseguro, mas que não sofria ao falar sobre o assunto.

Já o Integrante 9, relatou que gostou muito de fazer o papel de professor opressor, mas não gostou da parte opressora, pois quando ele for maior quer se tornar um professor. Ele falou que gostou do exercício coxi, mas teve dificuldade em fazê-lo certo.

Integrante 3 disse que gostou de tudo, e que as oficinas de teatro o deixavam feliz. Ainda ressaltou que o grupo é a sua segunda família. Além disso não teve dificuldades para fazer as atividades propostas, mas faltou um pouco de ritmo da parte dele. Contou também que na produção da cena ele quase chorou de verdade, pois fez o papel do oprimido.

Integrante 2 falou que gostou muito da oficina e acrescentou:” quando acontece uma situação igual à cena a gente não pode sentir vergonha porque é uma coisa que acontece muito. Comos exercícios venho perdendo a timidez”.

Integrante 4 contou que gosta muito de se movimentar, embora tenham surgido algumas dificuldades de executar uns exercícios por não conhecê-los.

Plano de aula diário

PLANO DE AULA Nº. -_5_ Data:_6_/_11/_/2017_

Nome: Juliana Ximenes Paranhos

Local: Centro de Referência da Juventude

Carga horária: Três horas e trinta minutos semanais

Dia da semana: 2ª feira

Horário da aula: Das 16:00 às 17:25 horas

1.1 Objetivo geral da aula:

Trabalhar a harmonia e união do grupo; fazer com que todos os integrantes da oficina passem pela experiência de libertação da opressão.

1.2 Objetivos específicos:

- Alongar o corpo e deixa-lo maleável para executar as atividades a seguir;
- Trabalhar a memorização dos integrantes do grupo e aumentar a capacidade de memória destes. Esta atividade ainda tem como objetivo trabalhar a harmonia e ritmo do grupo;
- Trabalhar a percepção visual da visão periférica;
- Trabalhar a atenção e sincronia do grupo;
- Fazer com que o oprimido se liberte dessa opressão que ainda guarda em sua memória mais íntima. Pois o maior objetivo é possibilitar a eles que se livrem de mágoas e sentimentos que não acrescentam à vida do grupo.

1.3 Conteúdos:

Expressão corporal, caminhada espacial com comandos, campo de visão, o desmaio de frejus, cena.

1.4 Atividades da aula:

- **Na primeira atividade:** Alongar o corpo e deixa-lo maleável para executar as atividades a seguir;

- **Na segunda atividade:** Caminhada espacial com comandos, nessa atividade o grupo vai caminhar preenchendo os espaços da sala. Evitando andar em círculos, pois deve-se explorar várias direções. Depois que o grupo encontrar uma velocidade em harmonia serão repassados os 8 comandos para esta caminhada;
- **Na terceira atividade:** campo de visão, fica-se em pé, próximo a colega. Um dos integrantes começa como líder da equipe e pode criar movimentos que se desloquem pelo espaço da sala. Quando o líder desejar, ele tem autonomia de transferir o comando do grupo para outro integrante. Toda vez que não for possível mais enxergar o líder do bando, congela-se a cena;
- **Na quarta atividade:** Numera-se cada integrante do grupo. Todos devem andar próximos até que se comece a dizer os números. Fala-se os números com intervalo razoável entre um e outro, pois quando o ator que representa o número for chamado, ele deve se soltar (desmaiar) para que os outros o segurarem;
- **Na quinta atividade:** Escolhe-se o integrante que relatará uma história de opressão já vivida. Depois que essa pessoa fizer o seu relato, ela vai sentar e assistir aos colegas de grupo reproduzindo essa cena. A pessoa que fez o relato entrará em cena e assumirá o seu papel de novo, para refazer a ação que ocorreu no passado. Essa ação será refeita de acordo com as pessoas que queiram dividir seu relato com o restante do grupo.

1.5 Avaliação

Nos momentos finais do encontro é reservado um tempo para uma roda de conversa a fim obter as impressões do grupo. Através de um gravador, de folha e caneta (para aqueles que não se sentem à vontade para falar), será pedido que os integrantes do grupo relatem suas impressões sobre a oficina.

1.6 Materiais necessários:

Somente o corpo e uma sala propícia para o desenvolvimento das atividades teatrais.

1.7 Referências:

BOAL, Augusto. Jogo para atores e não atores. 14. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

1.8 Observação pós aula:

Começou-se a oficina com expressão corporal para deixar o corpo preparado aos demais exercícios. O grupo se acostumou a fazer esta atividade e não possui mais dificuldades em executar a sequência de movimentos designados. Na segunda atividade, o grupo teve facilidade para memorizar os oito comandos que inseridos na caminhada espacial, por já terem os realizados nas oficinas. Logo, percebeu-se um notável progresso em relação à memorização do grupo.

Foi possível notar que os atores-alunos possuem uma grande dificuldade em explorar o seu próprio corpo e criar movimentos corporais, então optou-se em fazer o exercício de campo de visão. Tendo em vista que todos seriam líderes, eles seriam “obrigados” a criar movimentos para o grupo, mas de forma espontânea e dinâmica. Inicialmente, o grupo ficou um pouco preocupado e intimidado, mas aos poucos eles se soltaram para criar. Pretende-se repetir esta atividade com o grupo, para eles se habituarem a explorar os seus próprios corpos.

A quarta atividade escolhida é um progresso da atividade de João-bobo que foi trabalhada com o grupo, pois eles se sentiam mais seguros em confiar o seu corpo ao colega. O grupo precisou dobrar a atenção nessa atividade, mas naturalmente eles conseguiram estabelecer uma grande sintonia, pois nenhum dos integrantes caiu no chão.

Na quinta e última atividade, optou-se por repetir a oficina, porque não tinha havido tempo para que todos fossem protagonistas nesta atividade, e algumas pessoas queriam relatar suas experiências do passado. Assim, foi a oportunidade do Integrante 2 relatar sua história ao grupo. A situação ocorrida foi no ambiente escolar, dentro da sala de aula quando um colega começou a

fazer piadinhas dele junto com uma colega. Todos os demais ignoravam a situação, até que o Integrante 2 não suportou a humilhação e partiu para agressão física em seu colega. Ele acredita que este episódio contribuiu para um quadro de depressão que se desenvolveu posteriormente. E acrescentou: " não deveria ter levado essa situação tão a sério e partido para agressão física com o colega ... Não sentia vontade de ir ao colégio". Ao reproduzir a cena, ele respondeu tranquilamente ao seu colega, eliminando a agressão física de sua ação. Integrante 3 também relatou uma situação de opressão na escola, mas agora era uma professora que o oprimia, chamava-o de louco na frente de todos os colegas. Ele fez exames e os levou à escola para mostrar que não era louco, dessa forma continuou frequentando e se sentindo bem no ambiente escolar. Ao realizar a intervenção ele não se calou ao ouvir as duras opressões por muito tempo, logo falou com sua opressora. Ainda acrescentou que se tivesse feito isso antes, não tinha sofrido tanto na escola. O Integrante 3 falou que gostou muito do exercício de campo de visão, porque foi diferente de tudo o que eles tinham feito. Estava presente também a Carol, mas ela teve que sair antes e não ficou para a roda de conversa.

O Integrante 1, falou que gostou muito da aula e ama muito o teatro. Ele sempre se sente bem no teatro. Comentou que nesse dia se sentiu à vontade quando teve que fazer o papel de opressor, mesmo nunca tendo oprimido alguém, pois na verdade não consegue.

Plano de aula diário

PLANO DE AULA Nº. -_6_ Data: _20_/_11_/_2017_

Nome: Juliana Ximenes Paranhos

Local: Centro de Referência da Juventude

Carga horária: Três horas e trinta minutos semanais

Dia da semana: 2ª feira

Horário da aula: Das 16:00 às 17:25 horas

1.1 Objetivo geral da aula:

Estimular a capacidade de imaginação e criação de movimentos através do reconhecimento do seu próprio corpo. Aceitação do seu corpo e limites.

1.2 Objetivos específicos:

- Alongar o corpo e deixa-lo maleável para executar as atividades a seguir;
- Trabalhar o equilíbrio e união do grupo;
- Resolver um problema em grupo;
- Estimular a capacidade de criação;
- Estimular o ritmo corporal;
- Estimular a capacidade de imaginação e de criação corporal;
- Relaxar corpo e mente;
- Exterminar a tensão coletiva e relaxar o corpo;
- Fazer com que o oprimido se liberte da opressão que ainda guarda em sua memória mais íntima. Isso porque o maior objetivo é possibilitar a eles que se livrem de mágoas e sentimentos que não acrescentam coisas positivas à vida dos integrantes do grupo.

1.3 Conteúdos:

Expressão corporal; João-bobo; o círculo de nós; roda de ritmo e movimentos; unificar o ritmo dentro do círculo; a máquina de ritmos; massagem nas costas; o demônio e Cena.

1.4 Atividades da aula:

- **Na primeira atividade:** Alongar o corpo e deixar ele maleável para executar as atividades a seguir;
- **Na segunda atividade:** Forma-se um círculo todos de mãos dadas de pé. O pé precisa ficar bem firme no chão, pois os integrantes do grupo irão se inclinar em direção ao centro da roda, tomando cuidado para não levantar os calcanhares, não dobrar a cintura e muito menos arquear as costas. A atividade será repetida para trás, para esquerda e direita, assim sucessivamente. Conforme os comandos do professor;
- **Na terceira atividade:** Forma-se uma roda de mãos dadas, sendo proibido mudar o posicionamento das mãos. Cada ator deve passar por cima e por baixo até formar um nó, depois tem-se que voltar a posição inicial. Jamais deve-se largar a mão do outro;
- **Na quarta atividade:** Forma-se uma roda e escolhe-se uma pessoa para ficar no centro. Este integrante deverá criar um movimento acompanhado de um som e todos devem repeti-lo. Posteriormente, escolhe-se outra pessoa para ir ao centro da roda até que todos os integrantes do grupo repitam a atividade de criação;
- **Na quinta atividade:** Todos os integrantes do grupo devem iniciar juntos um ritmo com a voz e com o corpo, depois de um tempo todos devem mudar lentamente até que surja um novo ritmo uniforme;
- **Na sexta atividade:** Um ator vai até o centro e pensa que é a peça de engrenagem de uma máquina. Ele deve criar um movimento e repeti-lo inúmeras vezes. Outro ator vai até o centro e cria um movimento que se encaixe ao do colega. Todos devem criar movimentos até se encaixarem e completar a máquina;
- **Na sétima atividade:** Formam-se duplas que devem realizar massagem no corpo. Essa massagem deve começar pela cabeça e ir até os pés;

- **Na oitava atividade:** O demônio, cada integrante do grupo deve pular de um pé para o outro sacudindo todo o corpo, como se estivessem sendo exorcizados;
- **Na nona atividade:** Escolhe-se em grupo um integrante que relatará uma história de opressão já vivida. Depois que essa pessoa fizer o seu relato, ela assistirá a reprodução da cena que seus colegas de grupo realizarão. Mais tarde, a pessoa que fez o relato entrará em cena no momento exato de reconstruir o que aconteceu no passado. Essa ação será realizada de acordo com a disponibilidade dos integrantes do grupo.

1.5 Avaliação

Nos momentos finais do encontro é reservado um período para uma roda de conversa a fim de obter as impressões do grupo. Através de um gravador, de folha e caneta (para aqueles que não se sentem à vontade para falar), será pedido que os integrantes do grupo relatem suas impressões sobre a oficina.

1.6 Materiais necessários:

Somente o corpo e uma sala propícia para o desenvolvimento das atividades teatrais.

1.7 Referências:

BOAL, Augusto. Jogo para atores e não atores. 14. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

Referências Bibliográficas

BOAL, Augusto. Jogos para atores e não atores. 14.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

BOAL, Augusto. Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2013.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. 50.ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2015.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 62.ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2016.

KERSHAW, Baz The Politics of Performance: Radical Theatre as Social Intervention. Londres: Routledge,1992.

KRAMER, Sônia. Por entre as pedras: arma e sonho na escola. São Paulo: Ática, 1993.

NOGUEIRA, Marcia Pompeo “Teatro e Comunidade” in TELLES, Narciso; FLORENTINO, Adilson (orgs) Cartografias do Ensino de Teatro. Uberlândia:UDUFU, 2009.

POMPEU, Marcia. Tentando definir o Teatro na Comunidade. Anais da IV Reunião Científica de Pesquisa e Pós- Graduação em Artes Cênicas, 2007.

Teatro e Comunidade: Interações Dilemas e Possibilidades. Florianópolis: UDESC, 2009.

REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO. São Paulo: 1997

<http://biblioteca.ifc.edu.br/wp-content/uploads/sites/9/2014/07/Como-elaborar-um-projeto-de-pesquisa-de-Inicia%C3%A7%C3%A3o-Cient%C3%ADfica.pdf>

<http://www.teatronacomunidade.com.br/wp-content/uploads/2012/02/tentando definir o teatro na comunidade.pdf>

<http://www.ufrgs.br/cursopqdr/downloadsSerie/derad005.pdf>